

a filha do irlandês

v. s. alexander

Tradução de José Remelhe



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Dedicado à tribo — por me indicar o caminho

PRÓLOGO

Reconquistemos as qualidades que o júbilo encarnava
Regozije-se o meu coração com essa lembrança...

— THOMAS MOORE (1779-1852)

Setembro de 1845

Calcorreada durante anos por pessoas, cavalos e burros, a vereda alagadiça que levava à Lear House fora compactada até formar uma superfície rija. O caminho serpenteava desde a colina sobranceira à baía de Broadhaven até à curva de terra que confinava com a água. Gaiotas esvoaçavam em silêncio ao sabor do vento sobre Rinroe Point, o estreito promontório que investia pela baía. A mansão erguia-se como uma imponente fortaleza pardacenta, soerguendo-se da terra com a solidez dos palacetes da Irlanda, rodeada por retalhos quadriculados das explorações agrícolas dos rendeiros.

Daniel Quinn acreditava com todo o seu ser que, num dia perfeito, não havia país mais belo do que a Irlanda, ainda que pouco conhecesse do mundo, além do que ouvira falar. De vez em quando, sonhava com a Inglaterra e a França e vira gravuras desses países em livros, mas, à semelhança de outros na sua posição, tinha dúvidas de que algum dia saísse da sua terra natal. Enquanto caminhava para a Lear House, o ar fresco que deslizava desde o Atlântico revigorava-lhe os pulmões e desanuviava-lhe a mente. A sensação de frescura que se lhe entranhava no corpo facilitava a tarefa de dar notícias desagradáveis.

Apreciando o bonito dia de finais de setembro, Daniel não tinha pressa. Esperava que Brian Walsh, o feitor de Sir Thomas Blakely, inglês, estivesse em casa, na mansão ou na pequena casa adjacente onde vivia com a família. Se não encontrasse Brian, teria de passar a noite no celeiro com os

cavalos. Pouco importava — de uma maneira ou de outra, Daniel diria o que tinha para dizer. Devia-o a Brian, pois este fora bom para com ele em diversas ocasiões.

Sir Thomas herdara a propriedade através da sua linhagem inglesa. Nos extremos oriental e ocidental, a Lear House confinava com as explorações de rendeiros. Havia casebres enfileirados na extensão de terreno que fora dividido e depois subdividido para albergar a crescente população de rendeiros. Certa vez, Brian dissera a Daniel que a Lear House tinha mais de trezentas pessoas a viver das suas terras.

Para norte, por detrás da casa, o terreno elevava-se em colinas pantanosas que conferiam um aspeto ondulante à paisagem. Quanto mais se seguisse para ocidente, mais se avistava o feroz Atlântico. As colinas findavam em alcantilados escarpados que se elevavam como ancestrais proteções contra a fúria do mar. Quem olhasse para sul desde a Lear House, via as águas da baía de Broadhaven a estenderem-se num delicado semicírculo ao longo da linha de dunas de areia. Na sua maciça fundação, a Lear House permanecera liberta durante um século, suportando borrascas e tempestades do Atlântico, rebeliões políticas e todo o género de tumultos.

Daniel Quinn passou pelos casebres — muitos dos quais a cuspir fumo pelo buraco no telhado — chamando a atenção de alguns rendeiros que trabalhavam os campos até que, por fim, chegou ao caminho rochoso e circular que levava aos degraus da mansão. Chegado à porta, tirou o chapéu de aba larga e levantou a aldrava de ferro, que representava uma cabeça de carneiro, pesada e antiga, mas reluzente da banha de algum animal que lhe fora aplicada para que não enferrujasse. Como ninguém atendeu, bateu outra vez.

Pouco depois, a porta abriu-se a uma velocidade ponderada. Brian assomou à porta com uns culotes cinzentos, uma camisa branca e um colete vermelho. Ao reconhecer a visita, o feitor brindou-o com um sorriso.

— Danny — disse Brian, estendendo-lhe a mão. — Há quanto tempo não nos fazes uma visita. Já começava a questionar-me se ainda viverias no condado de Mayo.

Daniel devolveu-lhe o sorriso.

— Não te livrarás tão facilmente de mim. — Com o chapéu na mão, aguardou o convite para entrar, mas depois olhou para os pés descalços para ver se estavam num estado apropriado para estar dentro de casa. Pareciam sofríveis. As pedras haviam raspado a lama da pele. Sacudiu algum pó das pernas das culotes.

— Oh, que é feito dos meus modos — disse Brian. — Entra, por favor. Não tenho nada para beber, mas talvez queiras fumar alguma coisa.

— Pode ser — disse Daniel, dando uma palmadinha no bolso do colete onde guardava o cachimbo. — Agradeço a hospitalidade. — A entrada da Lear House era luminosa e arejada com tetos altos de estuque decorados com sancas trabalhadas. Os raios de sol tinham mudado de posição durante a tarde, mas o vestíbulo continuava luzente como uma sala iluminada pela lareira numa noite de inverno.

Brian conduziu-o até à espaçosa sala de estar na parte da frente da casa.

— Ora vamos lá ver onde tenho o tabaco. Estava mesmo a precisar de fazer uma pausa da escrita.

Daniel sentou-se enquanto Brian desapareceu pelo corredor. Olhou pelas amplas janelas para o relvado verdejante com vista desafogada para a baía. Dos dois lados da mansão, os campos eram separados por muros retangulares feitos de matagal e pedra. Os rendeiros viviam nessas parcelas. Verdejantes sulcos de batatas com viçosas folhas verdes espriavam-se pelas terras. As casas escuras cintilavam, na sua maioria de barro e pedra, algumas esteadas com vigas de madeira. *Que luxo*, pensou Daniel. Como deveria ser maravilhoso ter casa própria, ainda que modesta. Como seria fantástico não ter de dormir num chão de terra nas traseiras de um *pub* ou num celeiro junto com o gado. A Lear House, e até mesmo as casas rudimentares que a cercavam, era como um castelo em comparação com os lugares onde ele costumava pernoitar.

Brian voltou com um cinzeiro de estanho e um grosso naco de tabaco que deixava adivinhar mais do que uma boa noitada de fumo de qualidade. O feitor acendeu o cachimbo branco de Daniel e depois o seu, um cachimbo de espuma do mar com a forma da cabeça de um cão, negro de tanto uso.

— É sempre uma honra receber a visita do melhor poeta de Mayo — disse Brian. — Que novidades nos trazes?

Daniel não queria ir direto ao delicado assunto, por isso relatou versões das suas várias viagens durante o verão, incluindo histórias das noites em Newport, Mulranny e Westport, banhadas a muito álcool, disparates e cantigas.

Brian, sempre pronto para ouvir boas histórias, escutou-o com atenção enquanto tirava baforadas do cachimbo, as mãos pousadas nas coxas.

— Como estão as tuas filhas? — indagou Daniel, ainda a protelar. Não o poderia fazer por muito mais tempo. O final da tarde aproximava-se. Não tardaria, o crepúsculo chegaria e ele precisaria de abrigo para pernoitar.

— A minha querida Lucinda passará o outono e o inverno em Inglaterra como tutora de três crianças na casa de uns conhecidos de Sir Thomas. — Tirou uma baforada do cachimbo. — A minha adorável Briana está a preparar o jantar em casa ou então esgueirou-se para ir ao encontro do Rory Caulfield. Como todas as crianças, julga que eu sou cego e surdo. — Soltou uma gargalhada, libertando uma nuvem de fumo cinzento pela boca.

Daniel tirou o cachimbo da boca e sacudiu as cinzas para o cinzeiro. Depois, franziu o cenho.

— Vim porque tenho um assunto desagradável para debater.

Brian olhou-o com espanto.

— Um assunto desagradável?

— Acho que deves tomar conhecimento do que me chegou aos ouvidos. Constatou-me que afetará a paróquia. Como és o maior feitor do baronato, e meu amigo, vim informar-te em primeira mão.

Os olhos cinzentos de Brian cintilaram de apreensão.

— Continua...

— Conheci em Westport um francês que apreciou as minhas cantigas. Era um viajante sensato que não tem o vício da bebida nem do tabaco. Ele mostrou-me um desenho. — Daniel lembrava-se da ilustração tão bem como no dia em que a vira. — O francês falava um pouco de inglês e gaélico e descreveu os traços a carvão conforme os desenhou. Negras massas informes de folhas murchas. Vinhas ressequidas. Putrefactas. Apodrecidas. Aconteceu na terra dele e propagou-se até Inglaterra e além. Em breve, chegará aqui uma praga.

Brian debruçou-se, apontando-lhe o tubo do cachimbo.

— Uma praga! Não estarás a referir-te à maleita que assolou a Valáquia ainda há pouco tempo?

— Não. Atinge as terras, ou melhor, as colheitas que forram os nossos estômagos.

— Os tubérculos? — perguntou Brian.

— Sim. Torna-os negros como a noite, transforma-os numa polpa abjeta e malcheirosa que nenhum animal ou homem pode comer. — Daniel percebeu a expressão de alguma apreensão na cara do feitor.

— E acreditas no que esse homem te disse? — perguntou Brian. — Não ouvi nada sobre pragas que assolam colheitas. — Levou o cachimbo à boca. — Além disso, as nossas terras já foram assoladas por outras moléstias e sobrevivemos.

— Ele não tinha motivos para mentir.

Brian apontou para a janela.

— Mas viste os campos. As plantações estão viçosas.

Daniel assentiu com a cabeça.

— É verdade, mas esta praga ataca do dia para a noite e espalha-se como o fogo. Rezemos para que o francês esteja enganado.

A porta da mansão abriu-se e Briana entrou para a sala. Daniel já não a via há vários anos. Estava uma senhora, talvez com dezoito anos, se a memória não o atraía, tinha traços rotundos e femininos e longos cabelos castanho-escuros. Deixara de ser aquela adolescente desengonçada que recordava da última visita. Ela pareceu reconhecê-lo. Ele lembrava-se de, muitas noites, cantar para ela quando esta era criança antes de ele recolher à sua cama de palha nas traseiras da pequena casa, onde ficava a ouvir o vento até adormecer sob as estrelas. Noites de paz e um sono tranquilo.

— O poeta. — As suas feições juvenis animaram-se. — Janta connosco?

Brian assentiu e olhou para a luz rosácea que se espalhava pelo relvado.

— Começa a anoitecer.

— Não recusarei convite de tão formosa companhia — disse Daniel, levantando-se e beijando a mão de Briana.

Daniel e Brian pegaram nos respectivos cachimbos e seguiram Briana, deixando a Lear House e entrando para o lusco-fusco. Ter companhia era uma coisa, mas a expectativa de uma boa refeição era outra. Esfregou a barriga, que, de repente, começara a dar horas.

Quando Briana abriu a porta da casa, Daniel sentiu o aroma rico e leitoso do guisado de batata. Ficou maravilhado ao ver uma mesa posta com pão de aveia e um borralho com o lume aceso e uma panela a fumar por cima. Consoante Brian se sentou em frente dele, deu graças por ser um afortunado. Briana serviu a refeição em tigelas cheias até à borda e fizeram a oração com as cabeças por cima delas.

Depois da oração, levantou a cabeça e olhou para as caras sorridentes dos outros, e só desejou que aquela felicidade pudesse durar.

P A R T E U M



CONDADO DE MAYO

CAPÍTULO 1



Outubro de 1845

Briana Walsh desceu os degraus da Lear House e inspirou a aragem revigorante do Atlântico. Toda a vida conhecera aquela aragem fresca. O ar reconfortava-a, enchia-a de alegria, e sempre intensificara a sua sensação de segurança, fosse qual fosse a época do ano ou o estado do tempo. A solidez da estrutura da mansão alentava-a, ainda que não fosse dona de sequer uma das pedras que a edificavam. A casa erguia-se nas suas costas como um austero protetor, elevando-se no meio do verde oblíquo e da urze castanha, cercada pelo povoado de explorações dos rendeiros. Tal como à sua família, amava aqueles camponeses e não conseguia imaginar-se a viver noutra sítio.

Considerava a Lear House a sua segunda casa, sendo a primeira a pequena casa contígua, onde nascera. Sir Thomas Blakely, o proprietário inglês que passava a maior parte dos meses de verão no condado de Mayo, quando podia afastar-se do seu negócio no setor têxtil em Manchester, também a considerava como a sua casa.

Naquela noite, Briana fora à mansão na vez do pai, para se certificar de que ficava tudo fechado até ao dia seguinte. Com a fachada em alvenaria, as trepadeiras e o telhado de ardósia, a Lear House mantinha o seu esplendor sob a luz mortiça. Briana conhecia todos os recantos da mansão, a história de todas as gravuras a óleo, a origem de todos os objetos expostos nas prateleiras. Tocara em todos os livros da vasta biblioteca e lera muitos deles, mas não aqueles que não lhe interessavam, os mais eruditos.

Vivia com o pai na asseada casinha que ficava a poente da mansão, adjacente às explorações a ocidente e aos penhascos que confinavam com o mar. Olhou também para a pequena casa, envolta num brilho suave das candeias a óleo. Àquela hora, depois do jantar, Brian estaria a fumar o cachimbo e a ler.

O Sol, encoberto quase por completo pelas nuvens plúmbeas, começava a pôr-se sobre o Atlântico para lá dos penhascos ocidentais. Quando se faziam ver, os raios fracos lançavam faixas de cor púrpura sobre o relvado. Nas suas costas, para norte, a terra ascendia ao planalto e aos alcantilados sobranceiros a Benwee Head e às Stags of Broadhaven, as ilhas rochosas e recortadas que despontavam do mar como os dentes de um tubarão.

Conforme se afastou da Lear House rumo à região mais oriental do terreno onde a mansão estava implantada, chegou-lhe ao nariz um cheiro fétido. Ali, nas últimas terras antes dos caminhos oblíquos até às dunas que não paravam de mudar de forma na baía, ficavam as casas de Rory Caulfield e do seu irmão. Rory reclamara o seu canto no limite mais afastado da propriedade. A casa tinha vistas para a baía arenosa e para os distantes outeiros a sul.

Rory enviara-lhe uma mensagem por intermédio do filho do irmão, solicitando a sua presença na parcela dele. Havia algo de errado e bastou-lhe respirar para perceber isso.

Há semanas, ao jantar, o poeta e o seu pai falaram de rumores sobre colheitas de batatas perdidas no continente, mas questionara-se se a história não seria fruto da tendência para o dramatismo de Quinn. Ela sempre achara que a personalidade dele era teatral, roçando o ardiloso — historietas adornadas pelo excesso de uísque.

Porém, naquela noite, a julgar pela mensagem urgente transmitida pelo rapaz, pela apreensão de ansiedade que a inundava e pelo cheiro fétido, tinha a certeza de que havia mesmo algo de errado. Não percebia como o cheiro podia ser tão forte que se sobrepunha ao vento que soprava do Atlântico.

Aconchegou os ombros no xaile vermelho da mãe e tapou a boca e o nariz. O ténue odor do perfume de glicínia, há muito oferecido pelo pai à mãe, ajudou a esconder aquele cheiro horrível.

Caminhou pelo meio da azinhaga de seixos, evitando os sulcos deixados pelas carroças, levantando a beira da combinação escarlate ao passar por cima dos charcos. Sempre fora um desafio subir ou descer aquele caminho de carroça. Amiúde, ela preferia sair no caminho ao cimo da colina e

percorrer a pé o trilho até casa, mesmo debaixo da pior das intempéries. O meio do caminho também escondia os seus perigos — pedras soltas pelos cavalos, buracos deixados pelos poderosos cascos, que poderiam facilmente provocar uma entorse ou uma queda.

A herdade estava delimitada por linhas irregulares de arbustos e cercados de pedra, alguns com centenas de anos e outros construídos muito mais tarde quando os habitantes tinham descendência e expandiam a área ocupada. Muitas casas tinham telhados de colmo, mas a maioria eram pouco mais do que casebres de barro com uma abertura para o fumo dos borralhos sair. A herdade parecia crescer todos os meses com um novo cercado e o choro de um recém-nascido.

Não tardou a chegar à parcela de Rory, onde este cultivava batatas, bem como aveia e centeio num terreno mais elevado na colina. À semelhança dos outros rendeiros, Rory utilizava a aveia e o centeio para pagar a renda em géneros. A azinhaga levou-a por parcelas maiores, algumas com cerca de quatro mil metros quadrados, até chegar aos terrenos mais pequenos de Rory e do irmão.

Apático, Rory estava encostado à esquina da sua cabana. Tinha vestido umas culotes pretas, uma camisa branca e uma jaqueta verde; tal como os demais, não usava sapatos. Ao puxar uma forte baforada no cachimbo de barro, o fumo do tabaco rodopiou junto ao seu nariz e boca. Os seus cabelos arruivados reluziram com a luz do ocaso. Perto da sua cabana, um porco fossava a erva. Tal como os outros rendeiros, Rory guardava o animal dentro de casa, por motivos de segurança e para dar calor.

Briana parou a alguns passos, mantendo-se a uma distância respeitosa segundo os padrões sociais do pai. «As mulheres devem guardar-se até à noite de núpcias», dissera-lhe ele anos depois da morte da mãe. Aquelas palavras apenas haviam ecoado as que, tinha a certeza, a sua mãe diria se ainda fosse viva. Naquela noite, os planos que sonhara partilhar com Rory, as palavras segredadas de amor que queria dizer, teriam de esperar por outro dia, independentemente de se conhecerem desde crianças e de o seu carinho mútuo ter crescido com o passar dos anos. O momento certo para o demonstrarem parecia nunca ocorrer por causa das suas tarefas na mansão e nas terras. Mas o casamento estava para breve. Rory dissera-lho.

Rory apontou para os sulcos de batatas que havia perto do declive.

Ela olhou para as folhas enegrecidas e tapou a boca com o xaile.

Rory fez sinal para que se aproximasse, agachou-se e tocou numa folha preta, que se desfez numa gosma viscosa na sua mão.

— Estás a ver? — disse ele. — Foi isto que o poeta disse que iria acontecer. Olha. — Pegou numa pá que estava ali perto e enterrou-a no chão. Escavou depressa, virando a terra húmida na parte de cima do sulco. As batatas eram ali plantadas para o máximo escoamento. Meteu a mão na terra, agarrou as batatas e mostrou-lhas.

Esmagou uma na mão e uma polpa peganhenta escorreu-lhe dos dedos. Abriu a mão sob a luz fraca e mostrou uma massa bolorenta, escura e acinzentada de aspeto gangrenoso.

Ela nunca teria pensado que a colheita viçosa, esplendorosa e verdejante do dia anterior pudesse apodrecer do dia para a noite. Recuou um passo.

— Estão todas perdidas?

— Todas as que vi — respondeu Rory. Atirou as batatas podres para o chão e passou a mão pelo sulco para limpar a putrefação dos dedos. — Até o meu porco tem o bom senso de não lhes tocar.

— A «praga» que o Daniel Quinn disse que viria. E não se sabe porquê? Rory anuiu.

— O verão foi ameno e húmido, excelente para cultivar batatas. Até o outono foi bom. Alguns dirão que esta maldição foi causada pela chuva e pelo vento, outros dirão que foram os insetos, mas eu temo mais aqueles que dirão que foi obra de Deus.

— Mesmo depois de o Daniel Quinn partir, o meu pai disse que era um disparate pensar nessas coisas — disse Briana. — «A providência divina proteger-nos-á», disse ele.

A porta de madeira da cabana do irmão de Rory rugeu ao abrir-se. Jarlath espreguiçou-se, acendeu o cachimbo e depois acenou para Briana. Ela mudou o peso de um pé para o outro e fez uma pequena vénia.

— Os carreiros estão todos assim? — indagou Briana, dirigindo-se a Rory.

— Estão. Esta colheita está perdida. Teremos de recomeçar na primavera. Não sei se conseguiremos salvar as sementes.

As palavras do poeta sobre a «praga» invadiram-na com violência. Ao olhar para as plantas, foi inundada por imensos pensamentos horripilantes, incluindo um, que foi ganhando forma lentamente, de não terem o que comer. Em suma, fome. Todos os lavradores, até a sua família, dependiam da batata para as refeições diárias. Perder a colheita significaria que só lhes sobejavam as batatas de semente para comer, as quais não durariam para sempre. Um retrato inquietante surgiu-lhe na mente ao imaginar crianças a mendigar comida mostrando as suas malgas vazias.

— O que é que as pessoas irão comer? O que iremos *nós* comer?

Rory olhou para as ondas pardacentas da baía de Broadhaven.

— Talvez um arenque, se o Jarlath conseguir pescar nestas águas. Algas? Ovos de aves? Um sapo de vez em quando. — Ao pensar nisso, deu uma risadinha. Briana não achava piada. Poucos eram aqueles que se aventuravam nas suas pequenas canoas, as *curraghs*, naquele mar agitado, e, quando o faziam, estavam cientes dos riscos. Ela vira os cadáveres de vários afogados. As correntes do oceano eram fortes, as marés rápidas, as ondas traiçoeiras na maioria dos dias, e apenas os mais hábeis conseguiam navegar as águas do Atlântico.

Rory olhou outra vez para as plantas apodrecidas, caídas na sua putrefação nos sulcos da terra, e a sua voz tornou-se pessimista.

— Sem comida, as pessoas não terão forças para trabalhar. Como pagaremos a renda se tivermos de comer a aveia e o centeio?

Briana ainda não pensara nisso, e a pergunta abalou-a.

— Não sei — respondeu, ao fim de algum tempo. — As colheitas têm de ser vendidas. — Ela queria uma solução, mas a imensidão daquilo que vira era demasiado para assimilar. — Tenho de informar o meu pai — disse, e caminhou para a azinhaga. — Ele não faz ideia. Esteve o dia inteiro a trabalhar dentro de casa.

Rory seguiu-a uns passos atrás.

— Vemo-nos amanhã? — perguntou ele, numa voz melancólica.

Ela virou-se, bem ciente de que ambos gostariam de se encontrar em circunstâncias mais agradáveis.

— Amanhã.

Ele cingiu-a nos braços e beijou-a. Ela não se importava que Jarlath, que ainda estava cá fora a fumar o cachimbo, visse, pois este nunca denunciaria a sua afeição ao pai. Além disso, toda a gente da herdade da Lear House sabia, ou pelo menos suspeitava, que um dia se casariam.

Ela deixou-o de pé em frente da cabana. O céu índigo mantinha as suas faixas vermelhas. O vento fustigou-a e ela cruzou os braços em frente do peito. O pavor também não a largava, conforme imagens das plantas apodrecidas lhe assaltavam a mente. Apenas uma coisa lhe dava alguma esperança. Será que o seu pai poderia fazer alguma coisa? A dúvida avolumava-se. Em menos de uma hora, o seu mundo transformara-se.

Rinroe Point acenou-lhe com a sua vista desafogada sobre o Atlântico em constante transmutação, mas, de noite, o caminho era longo e traiçoeiro.

Seria muito mais fácil sentar-se junto às falésias a ver as estrelas desaparecer por detrás das nuvens do que revelar aquilo que vira.

O pai poderia estar a ler na sua cadeira junto à lareira ou talvez já estivesse a dormir. A pequena casa era acolhedora e quente. «Estiveste com o Rory, não foi?», pensou que ele lhe perguntaria com condescendência. «Consegues arranjar melhor.» Não era que ele não gostasse ou não respeitasse Rory, ou talvez até sentisse por ele uma grande estima, mas ela percebia que o seu pai, amando-a, desejava para ela uma vida melhor do que um rendeiro poderia oferecer. Uma vida como a que a sua irmã, Lucinda, poderia edificar.

Chegou a uma vereda circular defronte da Lear House. O edifício estava sombrio como o seu próprio estado de espírito. Não se via qualquer luz nas janelas e as trepadeiras agarravam-se à fachada de pedra como grotescos dedos negros.

Estremeceu e estugou o passo para a porta da casinha.

Há anos, o pai lera-lhe o *Rei Lear*. Adorava Shakespeare e transmitira esse amor às filhas. O dramaturgo fora um dos motivos por que aprendera inglês e lhe ensinara a língua a ela e a Lucinda.

Ao abrir o ferrolho, pensou em Rory e no quanto desejava estar com ele. Lembrou-se de um excerto da peça.

Dessa maneira viveremos, dizendo nossas preces, cantando e narrando velhos contos, rindo das borboletas variegadas e ouvindo os pobres diabos discorrerem sobre os boatos da corte; e falaremos com eles também...

Ao pensar na colheita, todo o sentimento de felicidade e a vontade de cantar e contar histórias se esfumaram. Sem batatas, não teriam o que comer. O pai ver-se-ia na posição delicada de cobrar aos rendeiros rendas que estes não poderiam pagar. Além disso, sabia pela escrita do pai que muitos já tinham a renda em atraso. Com isto, ficariam ainda mais endividados.

Num compasso de espera à porta, teve uma ideia que a encheu de esperança. Escreveria a Lucinda a informá-la da praga e a pedir-lhe que intercedesse junto de Sir Thomas em nome da família e dos rendeiros. O pedido de um perdão das dívidas poderia cair em saco roto junto do insensível proprietário, mas era o melhor plano que lhe ocorria. Afinal de contas, a irmã tinha uma relação de proximidade com o inglês através da família para a qual ela trabalhava.

Decidiu não informar o pai do plano. Era evidente que o pai se oporia com veemência à sua intromissão no assunto. Seria melhor que não soubesse.

Voltou a pensar em Rory, na perda da colheita e depois na situação da família. E os alimentos que estavam armazenados na Lear House? Quanto tempo durariam? As dúvidas deixaram-na estonteada.

Entrou em casa e saudou o pai, que levantou a cabeça, fechou o livro e sorriu.

Quando falou, sentiu um calafrio na barriga.

— Estive com o Rory hoje à noite. — O sorriso do pai deu lugar a uma expressão pensativa.

— Calculei que estivesse com ele. Demoraste mais tempo do que é costume a fechar a casa. — A luz de todas as candeias a óleo e da lareira lançava sombras trémulas pela divisão. O pai pousou o livro no chão.

— Hoje não foste lá fora, pois não? — perguntou ela.

— Só vim da Lear House até aqui — respondeu. — Porquê?

— Não sentiste o cheiro no ar?

Ele enrugou o nariz.

— O quê? Não reparei em nada de invulgar. O vento soprava forte desde a baía.

Estava explicado. O vento teria levado o cheiro colina acima até às explorações e depois até à aldeia de Carrowteige. Agora, estava a soprar mais desde o Atlântico.

— A colheita da batata está perdida. Tudo podre.

O pai sorriu outra vez, como se ela lhe tivesse contado uma piada perversa.

— Já antes aconteceu. Não pode ser tão grave como estás a pensar.

Briana sentou-se numa cadeira em frente dele.

— O Rory diz que todos os carreiros foram afetados. Não resta coisa alguma. O Daniel Quinn disse-nos que isto aconteceria.

O pai escarneceu dele.

— O poeta não sabe tudo. De manhã, verei. Agora, vou para a cama. — Levantou-se da cadeira.

— Talvez seja melhor informar Sir Thomas de que os rendeiros poderão ficar mais endividados — disse, sem aludir ao seu plano.

O pai virou-se para ela, afogueado.

— Nunca faria tal coisa! — Apanhou o livro do chão e atirou-o para cima da cadeira. — Estou a fazer um grande esforço para manter a solvência

da Lear House. Sir Thomas não precisa de mais preocupações. — Começou a caminhar para a cama e depois parou. — E não te ponhas com ideias disparatadas. Não te metas nos meus negócios, e isso inclui qualquer intromissão do Rory Caulfield.

— Foste bem claro. — Briana levantou-se. — Também vou para a cama.

— Filha — disse Brian num tom de reconciliação —, não entremos em pânico. Os reideiros já atravessaram muitas crises ao longo dos anos e esta é apenas mais uma, que ultrapassaremos *juntos*.

Briana sentiu admiração pelo pai por não entrar em pânico apesar da situação tensa em que estava. Beijou-o na testa e, depois de apagar as candeias, recolheu ao seu quarto. O brasido ainda lançava alguma luz.

Apesar das advertências do pai, não podia abrir mão do seu plano de escrever a Lucinda. Que mal poderia fazer? Seria apenas uma carta amistosa que enviaria à irmã com uma adenda. Despiu-se e fez as orações. Estava grata pela luz da lareira, pois fazia-a sentir que ela e a Lear House estavam em segurança — pelo menos, para já.

CAPÍTULO 2



Abril de 1846

— **P**or tudo o que é sagrado, não sei o que vamos fazer — disse Brian Walsh olhando pela janela da sala de estar da Lear House. Abriu as cortinas, levantando uma nuvem de pó.

Ela estava mais alta, ou o pai estava a mingar. Mas a perda da colheita, a ameaça de fome, a necessidade de cobrar a renda a famílias que conheciam há anos — muitas delas amigas — deixaram nele as suas marcas desde outubro. Ele tinha quarenta e dois anos, mas parecia mais velho. Profundos sulcos marcavam-lhe a cara e tinha a testa enrugada. Os seus cabelos grisalhos caíam-lhe aos tufo e o cocuruto da sua cabeça, onde lhe faltavam madeixas, espelhava a luz. Briana preocupava-se com a saúde do pai e com as marcas que a situação em Mayo estavam a deixar na sua compleição. Ele passava longas horas azafamado com os livros-razão, falando com os seus botões, tentando encontrar maneiras de impedir a falência da Lear House.

O pai abanou a mão no ar, afastando o pó na aragem. Nem os suspensórios que lhe seguravam as culotes conseguiram corrigir a pequena corcunda.

Briana limpou as manchas negras de um candelabro de prata e depois tirou as proteções contra o pó de três cadeirões de costas altas. Sentia-se entusiasmada com a expectativa do reencontro com a irmã mais velha. A chegada de Lucinda era uma espécie de comemoração, porém o seu ânimo era mitigado pela dura realidade que envolvia a Lear House. Apesar das preocupações, o pai insistira em abrir a sala de estar para receber a filha

mais velha. Tomava liberdades a que outros não se podiam dar ao luxo e só o fazia por Lucinda, que, suspeitava Briana, já deveria estar à espera de tal deferência.

Briana atirou o pano de limpar o pó para cima do aparador quando a sua fúria contra Sir Thomas veio ao de cima. A sua carta a solicitar uma isenção temporária da dívida fora ignorada. As únicas cartas que ela e o pai receberam desde outubro foram as que Lucinda enviara a dar conta do clima tristonho de Inglaterra e a desejar boas-festas.

A pedido de Blakely, a cozinheira e o criado de longa data foram despedidos. Segundo o pai, os motivos alegados pelo inglês foram vagos, mas ele não objetara, preferindo remeter-se ao silêncio, aceitando a explicação pouco clara de Blakely, e não arriscando o seu próprio sustento.

— Não quero que penses que és uma criada — disse o pai, caminhando sob a luminosidade que a chuva tornava soturna. — Tu já trabalhas muito, mas teremos de fazer mais se as coisas não mudarem.

Briana ficou agradecida pela preocupação, mas agora que a criadagem fora despedida, o pai dependia dela para cuidar da casa. Durante anos, ajudara Margaret na cozinha e até prestara auxílio a Edmond, quando era preciso. Lucinda andara demasiado absorta nos seus livros e estudos para aprender a preparar uma refeição como mandam as regras — as suas habilidades culinárias limitavam-se ao suficiente para conseguir subsistir. Briana acreditava que a irmã ansiava pelo dia em que teria cozinheiras e criadas a cozinhar para ela e a servi-la.

Gotículas de chuva salpicaram a janela.

— Onde está o maldito coche? — Brian passou uma mão pelos poucos fios de cabelo que lhe restavam na cabeça.

— O mais certo é estar atrasado por causa do mau tempo — retorquiu Briana. — Nem quero pensar no estado em que estará a estrada de Belmullet depois de um inverno assim. — Lucinda chegaria à aldeia portuária num navio que zarpara de Liverpool, com a passagem paga por Sir Thomas. A Lear House situava-se a muitos quilómetros do porto, mas a viagem poderia realizar-se em muito menos de um dia se o tempo estivesse de feição. Briana sabia que a irmã não apreciava chegar à pequena loja da baía de Broadhaven, onde se vendiam artigos. Os navios que ali atracavam eram pequenos e desconfortáveis.

O pai virou uma cadeira para a janela e sentou-se. Briana pôs-se de pé por detrás dele e contemplou o vasto relvado. Envolta em neblina, conseguiu avistar a loja na distância.

— Eu não acreditaria que a colheita ficou destruída se não a visse com os próprios olhos — disse Brian. Esfregou as palmas das mãos e formou um campanário com os dedos. As suas mãos eram duras como fortes instrumentos de trabalho, músculo, tendões e osso, moldadas por longas horas de trabalho na terra antes de Sir Thomas o contratar como feitor.

Briana pousou as mãos nos ombros dele.

— Não te preocupes, papá. Tudo se resolverá. — Assim que proferiu estas palavras, duvidou da sua veracidade. Soavam a falsidade, eram um chavão que qualquer um poderia dizer. Nenhum sentimento conseguiria mitigar o pavor que assolava agora as pessoas. Nas explorações dos rendeiros, corriam rumores sobre ações de despejo, destruição de lares, famílias inteiras obrigadas a viver em buracos escavados na terra, tendo como única proteção um telhado rudimentar feito de ramos e relva. Rory falara-lhe de atrocidades de despejo ocorridas em Galway. Sentira uma náusea quando ouvira essas histórias porque sabia serem verdade.

Preferia recordar os dias mais alegres da sua infância na pequena casa, nas terras que rodeavam a Lear House. Sem preocupações, assimilando as maravilhas da vida. Após a morte da mãe, Briana tivera um arrufo com a irmã mais velha, mas aproximara-se do pai. Aprendera a ordenhar as cabras, no início com medo de lhes puxar as tetas, mas depois agarrando-as com as mãos, com a destreza de uma profissional. Dera de comer ao gado, fora buscar água à nascente e aprendera a cozinhar. A sua vida era feita de mercados, feiras e festividades do condado. E depois havia Rory, que ela admirava pela sua tenacidade, mas também pela beleza das suas feições e do corpo. A sua amizade, que com o passar dos anos se transformara em namoro, preencheria o escasso tempo que conseguiam ter juntos com passeios pela baía e pelas falésias, deleitando-se com tudo o que a natureza tinha para oferecer. Quando ela tinha quinze anos e ele dezasseis, Rory roubara-lhe vários beijos em Rinroe Point. Aquele ato inocente deixara-a ofegante, e a sensação dos lábios dele nos seus perdurara por dias, deixando-a com a cara ruborizada e um formigueiro nas mãos.

Por outro lado, a irmã passara os anos deitada, em casa durante o inverno e na relva no verão, satisfeita a ler livros sobre vários temas e novelas românticas, a sonhar com uma vida longe de Mayo. O pai passara o pouco tempo livre que tinha a ver corridas e combates. Chegara mesmo a participar num desses combates, o que deixara Briana e a irmã agastadas. Ambas choraram quando as levou até ao ringue improvisado na aldeia. Saíra vitorioso, mas com o nariz partido e a sangrar.

Porém, no meio desses bons velhos tempos, havia os funerais e as mulheres num pranto. Briana nunca esqueceria o som — um grito como de um animal ferido que adejara pelo ar em espirais proectas e primitivas como as estrelas. Fora o som que ouvira aquando do afogamento dos homens. Recentemente, sem querer acreditar nos próprios ouvidos, pensara ter escutado o lamentoso grito levado pelo vento sobre os campos como um eco na aragem. Receava que estivessem para vir muitos mais gritos como aquele.

Briana foi até à janela e espreitou para fora. A terra mudara ao longo dos anos consoante as explorações dos rendeiros se expandiram à volta da mansão, exceto nas terras inclinadas para norte. Calculava que fosse isso o progresso, o uso da terra para o bem supremo. Era certamente tudo o que ela sabia. Porém, agora questionava-se em relação ao progresso. Vira com os próprios olhos a devastação deixada pela praga, tocara nas folhas murchas, vira os semblantes preocupados das mulheres à medida que a míngua crescia, testemunhara o desespero do pai quando não conseguira receber as rendas.

Ao ouvir os cascos de um cavalo, Brian levantou-se de um pulo. A silhueta retilínea do coche, coberto por um oleado para proteger a passageira, assomou aos solavancos na vereda circular. O cocheiro, envergando um casaco castanho encharcado, segurava as rédeas na mão esquerda e um chicote na direita. Conduziu o cavalo vereda acima, com o coche leve a estremecer nos regos.

O pai foi a correr para a porta. Briana seguiu-o escadas abaixo até junto do cavalo a espumar pela boca.

— Grato por trazer a minha filha em segurança — disse Brian ao cocheiro. — Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigado — respondeu o homem, espremendo a água da chuva do casaco. — Tenho de dar de beber ao cavalo e regressar a Belmullet. — Brian indicou-lhe a cisterna nas traseiras da casa, onde ele poderia encontrar um balde, água abundante e alguma erva. O cocheiro agradeceu outra vez e disse a Brian que queria aproveitar a luz do dia para fazer a viagem de regresso. Desceu do seu poleiro de madeira e descarregou a pesada mala de Lucinda para a terra molhada.

Briana espreitou para debaixo do oleado e viu a irmã. Lucinda tinha vinte anos, mais dois do que Briana, mas parecia mais madura por força da sua erudição. Sempre sentira alguma inveja das viagens da irmã, mas esses pensamentos eram efémeros, pois logo se lembrava do amor que nutria pela

sua terra natal. Brian puxou o oleado para trás. Com uma capa aberta de seda e um requintado vestido de cetim, pousou um pé no degrau do coche. Sorridente, Lucinda deslocou o corpo, deixando o pai levantá-la ao ar e, num movimento gracioso, pousá-la no patamar de ardósia da Lear House. Desse modo, os sapatos de botões brancos da irmã não se molharam.

Brian deu uma palmadinha nas costas do cocheiro.

— Vou buscar o seu pagamento.

Lucinda beijou o pai na cara e abanou a cabeça.

— Não é preciso, pai. Sir Thomas já tratou de tudo — disse ela, em inglês.

Briana ouvira a irmã falar em inglês desde que eram crianças, mas o tom e o sotaque de Lucinda tinham mudado no último ano. As suas palavras carregavam um maneirismo presunçoso que se desenvolvera desde as suas estadas no estrangeiro.

O cocheiro estalou as rédeas. O cavalo resfolegou e seguiu pelo caminho de seixos até às traseiras da casa. Briana acercou-se da irmã. Por debaixo da capa, despontou o vestido amarelo-claro de Lucinda, aos quadrados e com um padrão de pervincas brancas dentro das formas geométricas. Trazia o chapéu a condizer preso na cabeça por um laçarote verde-claro amarrado por debaixo do queixo forte. As luvas condiziam com a cor do laçarote. O vestido não era brocado com pregas segundo o último grito da moda; quanto a isso, era simples — um vestido para fazer uma viagem. Mas qualquer irlandesa de gema, quanto mais uma mulher de um reideiro, cobiçaria tal indumentária. Briana olhou para a sua saia amarelo-escura e simples, para o corpete castanho e para os sapatos pretos coçados e sentiu-se desenquadrada debaixo da sombra subitamente majestosa da irmã.

Lucinda inclinou-se e beijou-a na cara, hesitou por instantes, mas então puxou Briana para si num abraço sentido.

— Como é bom rever-te, querida irmã. Tive tantas saudades tuas, mas a Inglaterra é tão empolgante...

— Não fiquemos debaixo deste tempo como uns tolos — censurou-as Brian. — Lá dentro estaremos muito mais confortáveis. — Pegou na mala de Lucinda pelas alças e arrastou-a escadas acima. Briana abriu a porta e deu passagem à irmã, que entrou para a casa como se fosse a dona.

Lucinda tirou o chapéu e as luvas e pousou-os na mesa de entrada em mogno. Assumindo o seu papel de pai zeloso, Brian despiu-lhe a capa e pendurou-a na chapeleira. Lucinda, com o vestido enfunado pela combinação, pareceu flutuar pelo chão. Seguiram-na até à sala de estar, onde os

retratos antigos da família Blakely adornavam as paredes com padrões de flores de cor mostarda.

— Muito melhor — disse Brian. — Vou acender o lume para afastar a humidade.

Lucinda sentou-se numa cadeira.

— Obrigada, papá. Estou bastante cansada da viagem. Podes pedir à Margaret para nos trazer um chá?

Brian ficou espantado.

— Não recebeste a minha carta?

Lucinda anuiu.

— A mais recente foi há um mês. — Também pareceu surpreendida.
— Aconteceu alguma coisa?

Brian foi até à lareira e colocou alguns toros na grade.

— Pelos vistos, esconderam-te o sucedido. Não soubeste?

Lucinda arregalou os olhos conforme a consternação se estampou no seu rosto.

— Não soube de nada. Onde está a Margaret? — Sondou a sala com os olhos semicerrados. — E onde está o Edmond?

— Sir Thomas não te disse nada — interveio Briana, impaciente. — Foram-se ambos. Foram despedidos após amável consideração do senhor Blakely. O pai pode explicar melhor do que eu. Enquanto o faz, vou preparar o chá. — Saiu da sala e partiu do princípio de que Lucinda não recebera a carta com o pedido de perdão das dívidas dos rendeiros. Estava explicada a falta de resposta da irmã. Briana suspeitava que Sir Thomas teria interceptado a correspondência da família, deixando entregar-lhe apenas as cartas mais inofensivas. Não obstante, ela não queria aludir à sua tentativa de persuadir o proprietário, pois temia a reação do pai.

Briana atravessou o corredor sombrio até à cozinha nas traseiras da casa. Com a ausência de Margaret e Edmond desde janeiro — uma época cruel para alguém ficar sem fonte de rendimento, sobretudo perante uma praga —, a mansão tornara-se mais melancólica sem a presença deles. Briana achava que a Lear House era mais acolhedora na primavera e no verão, quando, nos dias amenos e soalheiros, se podiam abrir as portas e as janelas. Nessa época, a luminosidade enchia a sala de estar e a sala de jantar do outro lado do corredor. Não obstante, duas divisões permaneciam na penumbra no piso térreo: a biblioteca era sempre mantida sob uma luz moderada para proteção dos livros, e a cozinha recebia pouco sol, pois estava virada a norte. No andar de cima, onde ficava o quarto de Blakely, a casa de

banho do Senhor — como lhe chamava o pai — e os quartos de hóspedes, também era agradável quando se abriam as janelas no verão. Se os hóspedes do proprietário estivessem num estado de espírito festivo, a Lear House podia ser especialmente alegre nessa época.

Das duas portas da cozinha, a que ficava mais a norte dava para o morro que se erguia nas traseiras da casa; a outra, agora trancada com uma corrente e um aloquete, dava para os exíguos aposentos da cozinha e do criado. Essas divisões eram ainda mais austeras do que as da casinha contígua, onde Briana e a família viviam.

As janelas e a grande mesa de carvalho ao centro da divisão estavam cobertas de pó. O comprido fogão de ferro também parecia abandonado sem receber a afetuosa atenção de Margaret. Briana pôs vários toros na grade por debaixo da grelha e espalhou alguns raminhos e pedaços de casca de madeira. Ali perto, estava a caixa de metal estanque ao ar onde guardavam os fósforos *Congreve*. Abriu-a e, do interior, escapou um suave eflúvio. Briana riscou um fósforo na lixa. O fósforo ficou incandescente, formou uma névoa de fumo e o cheiro do fósforo subiu-lhe pelo nariz. A chama pegou lume à casca de madeira.

Pela pequena janela, conseguiu lobrigar o coche a subir o morro aos solavancos rumo à aldeia de Carrowteige, regressando a Belmullet. Encheu uma chaleira de ferro com água da cisterna e voltou para a cozinha. Poucos minutos depois, o cheiro do vapor da água a ferver encheu a divisão. O chá, as chávenas e o tabuleiro estavam no armário de carvalho. Por instantes, ressentiu-se do seu cargo de «criada», como dissera o seu pai. Contudo, era uma tarefa que lhe fora imposta, e não podia esperar que a irmã soubesse fazer o chá ou tratar da casa.

Quando Briana regressou à sala de jantar, o pai acendera a lareira e colocara uma pequena mesa entre as três cadeiras. Ela pousou o tabuleiro na mesa e esperou que a infusão ficasse pronta. Lucinda estava em silêncio, com a atenção focada na janela. A luz da tarde diminuía sob o céu cada vez mais encoberto. A sala estava na penumbra.

— Não fazia ideia — disse Lucinda, por fim. — Sir Thomas nada me disse sobre o despedimento da Margaret e do Edmond, nem sobre a praça... Porém, ele não tem a obrigação de me informar sobre o que se passa na Irlanda. — Calou-se e ficou pensativa. — Tenho a certeza de que não encobriria as cartas.

— Tens? — indagou Briana. — Eu escrevi-te uma carta na qual aludi à situação que estamos a viver, mas não obtive resposta. Tu não sabes da

missa a metade. — Briana detestava a rispidez do seu tom, mas Lucinda tinha de saber a verdade. Serviu o chá. — Ninguém conhece a causa da perda da colheita de batata. O senhor Caulfield disse-me que, no mês passado, trezentos pequenos lavradores foram despejados de Ballinlass em Galway para que as terras lavradas dessem lugar a pastagens. Talvez não esteja relacionado com a colheita, mas chamaram a Infantaria e procedeu-se à demolição das casas. O senhor Caulfield falou-me ainda de outros incidentes, de confrontos em Tipperary. Pelos vistos, a praga está a espalhar-se por toda a Irlanda. Temo que o pior ainda esteja por vir.

— O Rory saberia — atalhou o pai. — Ele evidencia um grande interesse pelo estado do Governo.

Lucinda soergueu uma sobrancelha.

— Sim... mais do que deveria. — Fitou Briana. — Londres estava tão vivaz e alegre quando Sir Thomas e os seus amigos lá estavam, mesmo nos dias mais sombrios. Ninguém do nosso círculo poderia imaginar o que estava a acontecer aqui.

Briana sorveu o chá e fez ouvidos moucos às descortesias para com Rory. Achava espantoso que a irmã não tivesse ouvido alguma coisa sobre o sofrimento que, desde o outono, se apoderara do condado de Mayo. Mas, bem vistas as coisas, talvez Lucinda não fosse tão desalmada como pensara. Ter-se-iam as cartas perdido nos serviços postais apesar do cuidado com que as endereçara? Suspeitava que Sir Thomas estaria por detrás disso. Afinal de contas, a irmã exercia as funções de ama das crianças de uma família que fazia parte do círculo de amigos do proprietário. Blakely era solteiro e não tinha descendência, mas tratava bem dos amigos mais íntimos, em especial dos que ocupavam lugares de destaque, como o seu pai salientara. Blakely não tivera de procurar mais além de Lucinda e os seus ares de erudita para encontrar a candidata certa para ocupar o lugar de ama. Calculava que a irmã passaria os dias com crianças mimadas perto de Manchester ou acompanhando a família em viagens a Londres. À noite, poderia socializar e chamar a atenção de pessoas de casta diferente das de Mayo. Lucinda poderia ser uma pessoa tímida no seu cargo de ama, mas os seus encantos não deixariam de ser notados.

Durante a hora que se seguiu, beberam chá enquanto Lucinda os deliciava com histórias sobre os tempos que passara em Manchester e em Londres. Por intermédio de Sir Thomas, conhecera importantes vultos do Governo. Na verdade, Briana deu por si a invejar a maturidade e os conhecimentos que a irmã granjeara durante o tempo que lá passara. As

histórias de Lucinda deixaram-na com a sensação de ser uma pessoa incapaz e enfadonha.

Lucinda levantou a chávena. Estreitou os lábios com uma pequena tremura.

Briana gostava de ler nas entrelinhas dos movimentos do pai e da irmã. Em tempos idos, Lucinda teria virado a cabeça com força, como uma menina pequena, ao ver alguém a chegar. Agora, limitava-se a olhar com ar afetado, um olhar que, Briana sabia, carregava cinquenta por cento de desdém.

— Parece que o *teu* senhor Caulfield vem fazer-nos uma visita.

Briana vislumbrou Rory a caminhar a passos largos pela vereda circular. Ele seria um severo crítico da irmã, talvez ainda mais cáustico do que ela. Ele não suportaria os maneirismos ingleses de Lucinda, achá-los-ia uma extensão cultural de um Governo que não se preocupa com os seus súbditos. Em abono da verdade, ele nunca demonstrara qualquer interesse por Lucinda, além da repulsa demonstrada pelas desconsiderações ao seu estatuto social e às obrigações sociais que estava obrigado a cumprir.

Lucinda estava ciente de que nunca fora a beleza da família. Não era, de modo algum, feia nem desengonçada, mas tinha umas feições mais severas do que as de Briana, mesmo por debaixo das camadas de pó de arroz e maquilhagem. Herdara o queixo masculino e a testa do pai, bem como o cabelo e as sobrancelhas escuras de quando este era jovem. Já Briana saía à falecida mãe. Tinha feições mais suaves, delicadas, rotundas, mais femininas, e mais capazes de chamar as atenções dos homens. Esta realidade predisusera Lucinda a esforçar-se mais junto do sexo oposto, especialmente no que a Sir Thomas dizia respeito. Porém, a aparência física nunca fora motivo de rancor entre elas durante a infância. Foram ambas criadas pelo pai após a morte da mãe, tinha Briana dois anos e Lucinda quatro. Enquanto pai extremoso, Brian nunca privilegiara uma em detrimento da outra, a não ser para dispensar Lucinda da lida da casa quando esta estava virada para os estudos.

Rory bateu à porta e Briana levantou-se para ir atender. Abriu a porta e viu-o com o chapéu na mão a sorrir. A chuva tamborilava à volta dele e reluzia nos seus cabelos macios e arruivados. Sacudiu as gotas dos ombros e entrou. Briana suspirou de alívio ao reparar que ele estava de botas, ainda que todas enlameadas.

Por instantes, desejou poder recuar no tempo três anos, antes da praga, quando todas as visitas que ele fazia à mansão ou à sua pequena casa, quase sempre em segredo e com uma inocência pueril, eram alegres e não

pressagiadoras de desgraça. Das vezes que ele estivera na casa, ela ficara ofegante e sentira um ardor no seu jovem coração. Ele era apenas um ano mais velho do que ela e um ano mais novo do que a irmã. Nesses tempos idos de alegria e boa disposição, ela contemplava o amplo relvado verde, o declive até à baía de Broadhaven e as longínquas montanhas sombrias. Até mesmo o crescente rendilhado de parcelas de rendeiros tinha a sua beleza rústica. Agora, apesar do sorriso de Rory, ela suspeitava que ele trazia notícias importantes, a julgar pela hora tardia.

— Vem cumprimentar a minha irmã — disse Briana em gaélico ao fechar a porta. — Não fales na nossa língua materna para não a arreliares. Ainda agradecerás ao meu pai por te ensinar umas coisas em inglês.

Rory franziu o cenho.

— Antes morder a língua a falar esse idioma.

— É preciso que o faças. — Chegou os lábios ao ouvido dele e segredou: — Vem. — Sentiu o cheiro terroso da relva que emanava do seu casaco. Briana considerava aquele cheiro primitivo, revigorante, uma âncora que a prendia à terra que amava. Conduziu-o até à sala de estar.

Lucinda estendeu-lhe a mão.

— Senhor Caulfield... encantada em revê-lo. — Como Briana previra, falou em inglês.

Um pouco desajeitado, Rory apertou-lhe a mão e depois dirigiu-se a Brian, que lhe ofereceu o seu lugar.

— Não, não — disse Rory. — Deixe-se estar. Só demorarei uns minutos.

— Em Inglaterra, os cavalheiros beijam a mão das senhoras — disse Lucinda, com um sorriso manhoso.

— Lu! — exclamou Briana, corando com a petulância da irmã.

— Não estamos em Inglaterra — retorquiu Rory.

— Ao que vens? — indagou Brian, tentando deitar água na fervura. Amuada, Lucinda afundou-se na cadeira e olhou pela janela.

— Gostaria que o senhor viesse comigo amanhã a Westport. O meu irmão ficou a saber da chegada de um barco a vapor inglês. O feitor do proprietário poderia... como é que se diz? — Rory levantou a mão direita, que ainda segurava o chapéu, e coçou a cabeça.

— Qual é a carga? — perguntou Brian.

— Milho... para o povo.

— Sim, sim — disse Brian. — Então o feitor ou o proprietário poderia... acordar... pressionar... pedir?

Rory baixou a cabeça.

— A palavra que procuro é «acordar», acho. O senhor poderia chegar a *acordo* para que uma parte da mercadoria viesse para a Lear House e para os rendeiros em vez de ser armazenada para mais tarde.

— Achas que chegou a esse ponto? — inquiriu Brian.

— Sim, senhor, acho.

— Não vi ninguém a passar fome quando saí de Belmullet — disse Lucinda. — Não vi qualquer pedinte pelo caminho.

Rory voltou-se para Lucinda.

— Talvez não os tenhas visto porque vinhas aconchegada debaixo do oleado no conforto do coche. Hoje em dia, as *tocas* são comuns. Poder-se-ia pensar que as pessoas não valem mais do que coelhos.

Lucinda cruzou os dedos em cima das pernas.

— O que vêm a ser *tocas*? Alguém a tocar um instrumento?

Rory fulminou-a com o olhar.

— *Sceilp*, na nossa língua.

— Um buraco no chão? — perguntou Lucinda em jeito de troça. — Certamente que não estás a dizer que as pessoas vivem em luras.

— É verdade — disse Briana. — Os rendeiros já ouviram falar e alguns já viram. — Olhou para a irmã à espera de uma reação, mas nada. — É o único abrigo que têm. Um buraco tapado com ramos. Com sorte, alguma erva.

Rory falou para Lucinda.

— O mais certo será teres passado por eles nas cercanias de Belmullet, depois de Glencastle. Não terás reparado quando o caminho segue para norte, antes de chegar a Glenamoy. Todos aqueles por quem passaste permaneceram em silêncio. O nosso povo está calado há muito tempo, rebaixando-se à vontade dos outros. Chegou a hora da mudança, mas sem comida na barriga, como podemos lutar por aquilo que nos pertence?

Brian bateu as palmas para os calar.

— Lutar? Não quero ouvir essa palavra. — Abanou a cabeça com os olhos postos em Rory. — Apesar da praga que assolou a Lear House, conseguimos enfrentar o inverno, e acho que também passaremos o verão. Mas há que olhar para o futuro. — Fitou Rory. — Tenho correspondência para tratar, mas se achas que é importante, posso deixar isso para mais tarde.

— Em breve, nada nos restará — disse Rory. — Não tarda, nós... — interrompeu-se e baixou a cabeça.

— Também posso ir, papá? — perguntou Briana em gaélico.

— Acho que sim — disse o pai, com um olhar enfático. Depois, virou-se

para Lucinda. — Se a tua irmã não se importar de tratar de possíveis assuntos que surjam na herdade.

Irritação perpassou pelos olhos de Lucinda, mas o olhar foi momentâneo.

— Não é uma coisa que estivesse nos meus planos, mas se tiver de ser, meu pai... se consegui controlar três rapazes ingleses, certamente conseguirei dominar rendeiros subservientes.

Briana questionou-se se a irmã saberia que as trinta famílias que agora viviam nas terras que rodeavam a Lear House continuaram a propagar-se por divisão e subdivisão da herdade, chegando mesmo ao ponto de o pai não saber ao certo quantas pessoas lá viviam. Seria necessário realizar um censo para determinar o número exato.

— A Inglaterra fez-te bem, Lucinda — disse Rory, mirando-a da cabeça aos pés. Fez uma ligeira vénia a Brian. — Passarei por cá com os cavalos pelas cinco da manhã, depois de comer alguma coisa e alimentar o meu porco.

Lucinda deu uma risadinha dissimulada.

— Pérolas para porcos. É um prazer estar em casa.

— Para nós também — disse o pai, categoricamente. Olhou para Rory. — No teu lugar, livrar-me-ia dessa fita antes de partirmos para Westport.

Rory ruborizou e tentou agarrar a fita verde que trazia pendurada numa casa de botão do casaco.

— Sim, senhor. Esqueci-me de que a tinha aqui. — Por fim, conseguiu apanhá-la e meteu-a ao bolso.

— Lindo menino — disse Brian.

Rory afastou-se a recuar.

— Não precisam de me acompanhar à saída. Desejo uma boa noite a todos vós.

— O que vem a ser aquilo da fita? — perguntou Lucinda depois de ele fechar a porta. Olhou para Brian com curiosidade. — Espero que não queira dizer que ele...

— Deves estar faminta — atalhou Briana, interrompendo Lucinda. — Eu também estou com fome. Como o fogão está aceso, cozinharei aqui.

— Explicarei mais tarde — disse Brian. — Ando para falar com o Rory. Lucinda, por favor, ajuda a tua irmã.

Lucinda levantou-se.

— Com este vestido é que não. Vou mudar de roupa. Depois de comermos, vou para a cama. — Foi até ao vestíbulo e abriu a mala. Pouco

depois, Lucinda subiu as escadas com um vestido dobrado sobre os braços, os sapatos de botões brancos a crepitar na madeira.

Brian debruçou-se, arqueando as costas. Tapou a cara com as mãos e massajou as têmporas onde o cabelo começava a ficar grisalho.

Briana sabia que ele estava preocupado com o futuro da Lear House e com a fita verde que Rory trazia amarrada no casaco.

Tratava-se de um símbolo que Rory apenas há pouco tempo começara a usar e que também deixava Briana inquieta. Já ouvira falar dos ribonistas em cantigas e histórias contadas há gerações. Ainda que o fito do grupo fosse digno, tal como Rory dissera — uma sociedade secreta de católicos que defendiam os direitos dos rendeiros —, há muitos anos que travavam conflitos com os protestantes.

Olhou para o pai, que continuava dobrado sobre si mesmo na cadeira. O que mais a entristecia eram as narrativas e as cantigas que contavam a história dos ribonistas — de sangrentas batalhas travadas em terras irlandesas entre irlandeses. Ela não queria estar associada à morte e à destruição, e esperava conseguir convencer Rory a deixar o grupo. Porém, isso poderia ser como querer lutar contra as vagas que fustigavam as Stags of Broadhaven. Mais valia tentar domar o mar selvático.

Fechou os olhos e tentou pensar em coisas menos perturbadoras do que tumultos religiosos e míngua. Estaria Rory a dizer que toda a gente padeceria de fome, incluindo os galeses, se não conseguissem arranjar comida em Westport?

Deu uma palmadinha nas costas do pai. Ele levantou a cabeça e esboçou um sorriso. O seu mundo tornara-se muito mais frágil.